



## Museus, lugares de autenticidade?

Kimmel, D., & Brüggerhoff, S. (Eds.). (2020). *Museen: Orte des authentischen? = Museums: Places of authenticity?*. Heidelberg: Propylaeum. (RGZM – Tagungen, Vol.

42) <https://doi.org/10.11588/propylaeum.745>

Museums, places of authenticity?

Maria Isabel Roque 

Universidade Europeia / Universidade Católica Portuguesa / CIDEHUS-UÉ, Portugal

[maria.roque@universidadeeuropeia.pt](mailto:maria.roque@universidadeeuropeia.pt)

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Publicação | Published: 19/03/2022

151

Todo o conteúdo da **Herança – Revista de História, Património e Cultura** é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.



## Recensão

As atas do congresso internacional “Museen – Orte des Authentischen? Museums – Places of Authenticity?” (Museus: lugares de autenticidade?), editadas por Dominik Kimmel e Stefan Brüggerhoff, foram publicadas em finais de 2020. O Congresso, organizado pela Leibniz Research Alliance “Historical Authenticity” com o apoio da Daimler and Benz Foundation, tinha ocorrido em Mainz, no complexo histórico do Erbacher Hof e no Museum für antike Schifffahrt des Römisch-Germanischen Zentralmuseums (Museu da Navegação Antiga do Museu Central Romano-Germânico), em 2-3 de março de 2016. Contou com a presença de 200 investigadores, académicos e profissionais de museus, oriundos de países como Alemanha, Áustria, Suíça, Holanda, França, Grã-Bretanha, Itália, Portugal, Hungria, Catar, Estados Unidos e Austrália, tendo sido apresentadas 50 contribuições em 13 painéis e grupos de discussão. Outra parte dos artigos incluídos neste volume resulta de duas conferências, organizadas conjuntamente com a Leibniz Research Alliance “Historical Authenticity” e que tiveram lugar na Universidade de Cambridge, em 2017 e 2019.

As presentes atas incluem, além do ensaio introdutório assinado por Dominik Kimmel, em alemão e em inglês, 42 contributos, 24 dos quais são em inglês. Partindo do reconhecimento dos museus, bem como outros locais e instituições patrimoniais, como guardiões de testemunhos

autênticos, são abordadas as várias dimensões do fenómeno da “autenticidade”, ou do conceito de “autêntico”. Se alguns dos contributos se formalizam como estudos de caso, centrados em experiências particulares nas várias tipologias de museus (de arte, de história, de história natural, de ciência e tecnologia, etc.), o tema proposto convocava abordagens teóricas mais amplas, pelo que a maioria dos artigos é de natureza conceptual, refletindo acerca do fenómeno da autenticidade, nas suas diversas dimensões e através das várias componentes da ação museológica (constituição e gestão da coleção, investigação, conservação e restauro, exposição e comunicação).

O tema não é novo, sobretudo, a partir dos textos seminais de Walter Benjamin ([1936] 2007) e do incremento da reprodutibilidade de originais e da disseminação das reproduções, mas tornou-se mais relevante com o desenvolvimento das modalidades digitais de cópia e representação, tal como o papel do museu (e outros sítios e instituições patrimoniais) adquirem relevância como guardiões e divulgadores do “real” e “verdadeiro” face à evolução da reprodução artificial e do acesso virtual. Por outro lado, se o tema era pertinente em 2016, tornou-se crucial em 2020, quando a pandemia do Covid-19 obrigou ao encerramento temporário ou permanente de muitos museus e ao afastamento de potenciais visitantes impedidos de viajar, forçando

novos modelos de acesso e de mediação. Neste contexto, a reflexão acerca da autenticidade – isto é, da definição ou da percepção do valor de autenticidade dos objetos, das coleções, das exposições, dos discursos museológicos, dos espaços, das narrativas de mediação – ganha uma inesperada centralidade nos estudos de museu.

A obra está estruturada em sete partes, que refletem as várias perspectivas de análise do fenómeno:

1. Is it all relative? Authenticity between characteristic and attribution
2. Conflicts and decisions: Objects between changing states and authenticity ideals
3. Places, spaces and structures: Authenticity between historical location and translocation
4. Ordering, interpreting, staging: Authenticity by contextualizing in the museum
5. Players and audiences: Conveying and perceiving of the authentic
6. Replica, reconstruction and forgery: Relative authenticities of the unreal
7. Between collection infrastructure and virtual worlds – Authenticity as a value for scientific integrity

Através da **parte 1**, fica estabelecida a dificuldade em descrever objetivamente os atributos de autenticidade e em aplicá-los ao património e aos objetos museológicos. Destaca-se, aqui, o contributo de Achim Saupe, “Analysing authentication and authorisation processes in cultural heritage and the museum” (pp. 35-42) que, confirmando o impacto cultural da

autenticidade, através da distinção entre verdadeiro (autêntico) e falso, analisa o processo de autenticação como um fator de valorização patrimonial subjetivo e sujeito a conflitos de interesses, sendo, assim, um conceito relativo. Por isso, Saupe aponta uma perspectiva de análise que, em certa medida, se encontra subjacente na maioria dos contributos. “Rather than simply attributing authenticity, or even taking it as an essence of things, it is preferable to examine authenticity primarily in terms of communicational structures, i.e. to ask to whom and when authenticity is attributed, as well as how and why” (Saupe, 2020, p. 40).

Ao relativizar a objetividade do conceito de autêntico e dos seus correlativos (como real, genuíno, original, etc.), abre-se a possibilidade de considerar como um atributo mutável e flexível, construído em função do contexto cultural em que se insere. Portanto, a autenticidade não é uma qualidade intrínseca ao objeto, cujo historial se constrói através de alterações, reutilizações, recuperações, perdas, destruições. É disto, aliás, que trata a **parte 2** desta obra, ao versar o complexo sistema de decisões que envolvem as mudanças sofridas pelos objetos quer nos sítios originais, quer em contexto museológico e, em particular, nos processos de conservação e restauro e de exposição. Stavroula Golfomitsou, no artigo “Conservation in the 21st century: Materials, concepts and audiences” (pp. 89-96) articula estas questões com as alterações programáticas dos museus que, nas últimas décadas, têm vindo a desviar o foco da coleção para os públicos,

centrando-se na experiência do visitante na exposição e face ao objeto, tornando-se um espaço cada vez mais participativo e inclusivo. Por seu turno, Judith Dehail, em “Conflicting authenticities in the museum: The exhibition of musical instruments” (pp. 94-102) descreve estes conflitos, em função da evolução dos princípios deontológicos de conservação e restauro ao longo do século XX.

A **parte 3** aborda a questão correlacionada da translocação do objeto, isto é, da sua transferência do contexto original (que lhe garantia alguma autenticidade) para o espaço museológico. Destaca-se, aqui, o contributo de Sílvia Ferreira, intitulado “From the convent to the museum: The displacement and exhibition of baroque gilded woodcarving altars in Portugal” (pp. 117-125), analisa a deslocação dos altares barrocos em talha dourada, entre o espaço litúrgico e o museológico, no contexto da extinção das ordens religiosas decretado em 1834 e, posteriormente, pela Lei da Separação do Estado das Igrejas, em 1919, centrando-se nos museus de Aveiro / Santa Joana, de Lamego e Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Retemos as suas palavras finais: “[...] an altar is a significant object with its special structure, images and symbols. It is a narrative that lives through the dialogue between different actors: space, ambience, rituals and individuals. In the museum, all we can give them is the best possible environment by articulating the different perspectives: those of the curator, of the art historian and of the public” (p. 123). O artigo de Sílvia Ferreira sintetiza, através do caso português, os processos de transferência e de

descontextualização dos objetos no museu e, por conseguinte, a forma como a sua autenticidade é, ou não, preservada.

A translocação dos objetos analisada nesta parte tem uma continuidade lógica na **parte 4**, onde se aborda a autenticidade e a (re)contextualização do objeto no museu. Neste âmbito, Stefanie Jovanovic-Kruspel, em “Between truth and storytelling: Authenticity in 19th-century museum architecture” (pp. 215-224), analisa o papel da arquitetura e arranjo do espaço em conexão com o exposto para reforçar a ideia de autenticidade, tal como sucede no Museu de História Natural de Viena, que mantém as características oitocentistas. Em confronto com esta perspetiva, Anja Grebe, em “Authenticity in context: Historic displays and modern museum practice” (pp. 225-235), partindo da reinstalação do Gabinete de Curiosidades (Kunstkammern) no Castelo de Ambras e no Museu de História Natural de Viena, analisa as contradições destas representações historicizantes para concluir que “none of the modern reinstallations of former collections is ‘authentic’ in the strict sense of the term” e que “it would be beneficial if visitors could touch some of the objects or at least a replica to get an idea of the materiality of the objects and to get more directly involved with the past” (p. 232). Ou seja, a perceção de autenticidade pode ser potenciada pela presença de réplicas que permitem a interação sem prejudicar a materialidade dos objetos originais.

A perceção da autenticidade é precisamente o tema da **parte 5**. Esta secção abre com o contributo de Hendrikje Brüning, “A discussion on authentic

communication: How museums convey knowledge and how this affects the perception of authenticity” (pp. 269-278), onde analisa a função comunicativa do museu, através da forma como este transmite o conhecimento e o público percebe a sua autenticidade.

A percepção de autenticidade é um fator que influencia positivamente a experiência do visitante no museu. Kiersten F. Latham, em “Visitor perceptions of ‘the real thing’ in museums” (pp. 323-328) apresenta os resultados da primeira fase de um estudo fenomenológico acerca da coisa real (‘the real thing’), levado a cabo em 21 museus dos Estados Unidos, com o objetivo de estudar a forma como os visitantes reagem e o experienciam, permitindo-lhe estabelecer quatro categorias “through aspects of the self, in relation to others, through the presence of the actual physical thing, and through one’s surroundings” (p. 328).

A **parte 6** aborda as questões das réplicas, reconstruções e falsos, dando continuidade ao conceito já apreendido no referido artigo

de Anja Grebe e reforçando a ideia de que as reproduções podem transmitir a percepção de autenticidade e potencializar a experiência do visitante no museu.

A **parte 7** e última continua a estudar estas representações em suporte virtual, nomeadamente, através de projetos digitais de simulação 3D, de Realidade Virtual (RV) ou de Realidade Aumentada (RA). Mieke Pfarr-Harfst, no artigo “Digital 3D reconstructed models in the museum context: Are they authentic?” (pp. 431-438) analisa as reconstruções digitais como modelos de conhecimento e sua autenticidade, advertindo que “there are no strategies or standards for their authenticity, for the plausibility of the knowledge contained in the models, or for quality assurance” (p. 437), o que conduz à questão: “How authentic is the knowledge that is generated from the process and sources?” (id.).

No fundo, esta questão pode ser aplicada a todas as representações da realidade elaboradas pelo museu e, por conseguinte, ao discurso museológico *latu sensu*.

## Bibliografia

Benjamin, W. ([1936] 2007). The work of art in the age of mechanical reproduction. In H. Arendt (ed.), *Illuminations* (pp. 217–251). New York, NY: Schocken Books.

Nota: todas as restantes referências reportam à obra em revisão.

